

A ESCUTA DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: O ESTRANHAMENTO COMO OPERADOR DA TRANSFERÊNCIA

Autora: Marcela Graef do Couto (Psicologia/UFRGS)
Orientadora: Profª Drª Rose Gurski (Psicologia/UFRGS)

INTRODUÇÃO

O presente estudo, situado no campo das investigações do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise Educação e Cultura – Eixo Psicanálise, Educação, Adolescência e Socioeducação (NUPPEC/UFRGS), partiu de uma experiência de pesquisa-extensão com jovens internados em uma instituição socioeducativa da cidade. Através das *Rodas de R.A.P. (Ritmos, Adolescência e Poesia)*, buscamos oferecer aos meninos um espaço de escuta e livre circulação da palavra conjugado com narrativas musicais por eles escolhidas.

PROBLEMATIZAÇÕES: o que se faz com o que se estranha?

Durante as *Rodas*, a escuta dos jovens evocou-nos, frequentemente, um sentimento de estranhamento diante da naturalidade com que relatavam episódios violentos vividos na realidade do crime e do tráfico. De maneira similar, notamos que os adolescentes também estranharam algumas narrativas das bolsistas-pesquisadoras, sobretudo aquelas relacionadas ao cotidiano acadêmico da universidade.

Em supervisão, passamos a nos questionar: **de que modo as bolsistas se posicionaram transferencialmente frente a essa dimensão de estranhamento suscitada nas *Rodas de R.A.P.*? Como os efeitos dessa posição reverberaram no âmbito da pesquisa?**

OBJETIVOS

- Refletir sobre a dimensão do estranhamento evocado nas *Rodas de R.A.P.* desde o ponto de vista transferencial, especialmente no que se refere à posição do pesquisador;
- Problematizar o papel da estranheza na intervenção com os adolescentes.

NOTAS METODOLÓGICAS

- Registros da pesquisa: diários de experiência (Gurski, 2017; Gurski & Strzykalski, no prelo) das bolsistas que participaram das *Rodas de R.A.P.*; construções elaboradas em supervisão e em reunião a partir do estudo dos textos teóricos e das vivências nas *Rodas*.
- Procedimentos de análise dos materiais: utilizamos o operador da leitura-escuta (Caon, 1994; Iribarry, 2003) para analisar os materiais da pesquisa.

O ESTRANHAMENTO NAS RODAS DE R.A.P.: potência para a escuta?

Certa vez, ouvindo relatos sobre as punições violentas dirigidas às namoradas supostamente infiéis, as bolsistas-pesquisadoras demonstraram certo espanto através de suas expressões faciais. Tal mudança foi notada pelos jovens, que começaram a rir – “olha a cara delas!” – e rapidamente outro assunto passou a circular na Roda. Em outra ocasião, um dos adolescentes relatou que atuava no setor financeiro de sua facção, uma tarefa que, segundo ele, era de grande responsabilidade. Entretanto, diante de comentários sobre os compromissos acadêmicos das bolsistas, o jovem disse sentir-se um “vagabundo”. Estranhando essa enunciação, as bolsistas questionaram como era possível que fosse vagabundo e, ao mesmo tempo, responsável, ao que o jovem respondeu: “bah, dona... essa pergunta entrou na mente”. Esses dois fragmentos de experiência compartilham da sensação de estranhamento, mas diferem no que diz respeito aos seus efeitos: no primeiro, parece suscitar um fechamento de sentidos, e no segundo, possibilita abertura à polissemia ao fazer vacilar saberes cristalizados.

A diferença, então, parece situar-se no que se faz com o estranhamento, algo que nos remete à posição do pesquisador frente àquilo que lhe é endereçado. Desde as experiências no campo de Psicanálise e Socioeducação, temos pensado na importância de operar passagens da impotência à impossibilidade no que se refere à posição do pesquisador. (Gurski, 2014; Gurski & Strzykalski, 2018).

Compreendemos que a posição de impotência afasta-se da escuta psicanalítica, uma vez que se orienta por princípios morais que pressupõem a existência de uma conduta ideal dos sujeitos, estabelecendo, por exemplo, modelos de certo e errado. Já a posição de impossibilidade parte justamente do reconhecimento da inexistência de um ideal universal, o que nos possibilita escutar as narrativas dos sujeitos não em relação a um ideal, mas em articulação com as condições do laço social onde estes estão ensejados.

Na primeira cena retratada, acreditamos que a intervenção realizada se aproxima da posição de impotência, na medida em que as bolsistas foram guiadas por seus princípios pessoais, que, nesse caso, se sobrepuseram à possibilidade de escuta e produziram silenciamento e fechamento de sentido no discurso dos jovens. Na segunda cena, acreditamos se tratar de uma aproximação com a posição de impossibilidade, na medida em que a intervenção buscou tensionar o saber que o próprio adolescente formulou. Entendemos que a fala “pergunta que entrou na mente” apresenta-se como manifestação de um tempo de suspensão de certezas, brecha necessária para uma abertura aos diferentes e possíveis sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em supervisão, inicialmente percebemos que a sensação de estranhamento era evocada diante das acentuadas diferenças sociais, econômicas, políticas e raciais que atravessam as vidas das bolsistas e dos adolescentes. Pensamos que o encontro entre posições tão desiguais do ponto de vista social e seu respectivo estranhamento pode atuar tanto enquanto empecilho à escuta desses sujeitos, como potência para uma intervenção na direção da abertura à polissemia e da possibilidade de questionamento de significações cristalizadas de si.

Partindo do princípio de que as situações descritas se deram em transferência, acreditamos que a função do estranhamento na escuta depende da posição do pesquisador. Aproximando-nos da posição de impotência orientada por ideais morais, tamponamos a possibilidade de produzir polissemia nos ditos. Quando partimos de uma posição de impossibilidade, o estranhamento constitui-se como potência para a escuta-intervenção na medida em que possibilita, tanto por parte dos adolescentes como das pesquisadoras, reflexão acerca das próprias vivências e de sua condição de inserção no laço social.

CAON, José Luis. O Pesquisador em Psicanálise e a Situação Psicanalítica de Pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, UFRGS, v.7, n.2, p.145-174, 1994.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*, v. 17, p. 237-269. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1919]. (Edição Standard Brasileira).

GURSKI, Rose. Três Tópicos para pensar (a contrapelo) o mal-estar na educação. In: Voltolini, Rinaldo. (Org.). *Retratos do Mal-estar na educação contemporânea*. 1 ed. São Paulo (SP): Escuta/Fapesp, v. , p. 25-45, 2014.

GURSKI, Rose; STRZYKALSKI, Stéphanie. A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção? *Revista Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 50.1, p. 72-98, 2018.

IRIBARRY, Isaac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica? *Revista Ágora*, Rio de Janeiro, UFRJ, v.6, n.1, p.115-138, 2003.

ROSA, Miriam Debieux. Escuta e resistência do analista. In: ROSA, Miriam Debieux. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.